

Extravagância e ousadia artística têm nome e sobrenome: Lady Gaga

Fotos/www.ladygaganow.net

Por Lanna Silveira

Muito antes de ser mundialmente conhecida como a “mother monster”, Lady Gaga era apenas Stefani Germanotta – uma artista nova iorquina que se apresentava em casas noturnas desde os 14 anos e perseguia o sonho de se consolidar como artista. Mesmo em suas primeiras performances, já emulava o estilo irreverente de artistas como David Bowie, Prince e Madonna, que são influências citadas constantemente pela cantora ao longo de sua carreira.

O nome artístico, junto à aderência total de uma persona artística extravagante e ousada, surgiu em 2007 – segundo o produtor musical Rob Fusari, a ideia faz referência à canção “Radio Ga Ga”, do grupo britânico Queen, versão contestada ao longo dos anos. Nessa época, assina contrato com um selo da gravadora Interscope e começa a desenvolver o seu primeiro álbum, “The Fame” (2008).

A atitude rebelde de Gaga, junto ao seu apreço pela excentricidade, trouxe um frescor ao cenário pop da época, que ainda tentava se encaixar no molde otimista e chicletado de nomes como Spice Girls, Backstreet Boys e Britney Spears lá no fim da década de 1990. Canções como “Poker Face” e “Paparazzi” se tornaram hits instantâneos, alcançando altas posições nas paradas e tendo videocliques muito repercutidos, começando a consolidar uma legião fiel de fãs que se identificavam com os temas abordados por ela em sua música. Seu status de ícone pop, assim como a força de seu impacto cultural e estético, se consolidaram nos lançamentos seguintes: “The Fame Monster” (2009) e “Born This Way” (2011). Entre momentos antológicos como o vestido de carne no VMA de 2010, os videocliques virais de “Bad Romance” e “Telephone”, o abraço à comunidade LGBTQIAPN+ com canções como “Born This Way”, e momentos



A artista em seu show no festival Coachella neste ano



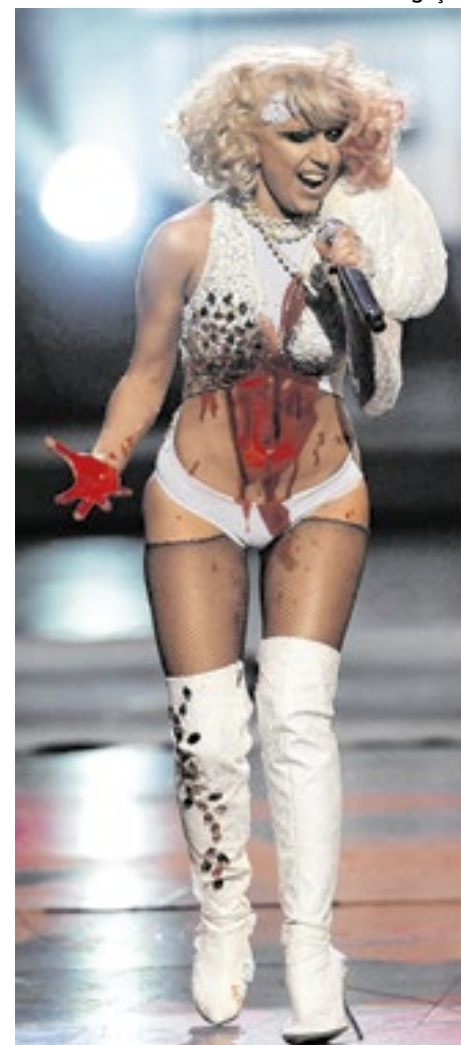
Com Tony Bennett, vencendo o Grammy de Melhor Álbum Vocal Pop Tradicional por, ‘Cheek To Cheek’ (2015) e com o Oscar de Melhor Canção Original por ‘Shallow’ em 2019

polêmicos - como as referências religiosas nos cliques de “Alejandro” e “Judas”, além das crescentes comparações e acusações de plágio a obra de Madonna, Gaga mostrou que seu nome não seria passageiro.

Após a recepção morna do álbum “Artpop” (2013), lançado em meio a uma assombrada fase difícil na vida pessoal da cantora, a carreira de Gaga sofreu uma virada de chave, que acarretou a expansão de seus horizontes artísticos e garantiu a renovação da sua imagem, além de firmar sua posição na indús-



tria fonográfica. Nos anos seguintes, Gaga se aventurou no jazz junto a Tony Bennett, nome lendário do gênero, em “Cheek To Cheek” (2014), além de honrar suas influências em gêneros como rock, country e folk em “Joanne” (2016). A artista também decidiu investir na carreira de atriz, conquistando papéis notáveis na série “American Horror Story: Hotel” (2015) e no grande sucesso “Nasce Uma Estrela” (2018), que lhe rendeu uma vitória no Oscar e mais um hit em sua carreira musical: o dueto “Shallow”, com o



Lady Gaga em sua performance de ‘Paparazzi’ no VMA de 2009

parceiro de cena Bradley Cooper. Em anos seguintes, Gaga se mostrou tão aficionada pela atuação quanto pela música, se envolvendo com entusiasmo e dedicação em projetos como “Casa Gucci” (2021), interpretando Patrizia Reggiani, condenada pelo assassinato de Maurizio Gucci, além de “Coringa 2” (2024), interpretando o papel da icônica vilã Arlequina junto a Joaquin Phoenix.

Apesar de quase uma década de “fuga” da música pop, a década de 2020 marcou o retorno de Gaga a sua velha forma – para a imensa satisfação dos fãs, que clamavam por seu retorno ao gênero desde Joanne. Sua primeira aposta veio com o álbum “Chromatica” (2020), que flertou com o renascimento do house e do dance noventista muito presente nos lançamentos musicais da época, além de marcar o abandono da estética minimalista adotada por Gaga nos últimos anos, apresentando uma imagem inspirada no futurismo e no cyberpunk. Seu lançamento mais recente, “Mayhem” (2025), soa como uma reverência sonora e performática aos primeiros trabalhos de Gaga, sacramentando a volta do eletropop ao seu catálogo e abraçando, novamente, o bizarro e o sombrio para construir um trabalho atrevido, audacioso e único.